

Acompanhamento de Mercado de Energia Elétrica e da Economia

Boletim Trimestral
(ref.: 4º trimestre de 2005)

Abril 2006



**Empresa
de Pesquisa
Energética**

**Ministério de
Minas e Energia**





Governo Federal

Ministério de Minas e Energia

Ministro

Silas Rondeau Cavalcante Silva

**Secretário de Planejamento e
Desenvolvimento Energético**

Márcio Pereira Zimmermann

**Diretor do Departamento de
Planejamento Energético**

Iran de Oliveira Pinto

Acompanhamento do Mercado de Energia Elétrica e da Economia

**Boletim Trimestral
(Ref.: 4º trimestre de 2005)**



Empresa de Pesquisa Energética

Empresa pública, vinculada ao Ministério de Minas e Energia, instituída nos termos da Lei nº 10.847, de 15 de março de 2004, a EPE tem por finalidade prestar serviços na área de estudos e pesquisas destinadas a subsidiar o planejamento do setor energético, tais como energia elétrica, petróleo e gás natural e seus derivados, carvão mineral, fontes energéticas renováveis e eficiência energética, dentre outras.

Presidente

Mauricio Tiomno Tolmasquim

Diretor de Estudos Econômicos e Energéticos

Amílcar Guerreiro

**Diretor de Estudos da Expansão de Energia
Elétrica**

José Carlos de Miranda Farias

**Diretor de Estudos de Petróleo, Gás e
Bioenergia**

José Alcides Santoro Martins

Diretor de Gestão Corporativa

Ibanês César Cássel

Coordenação Geral

Maurício Tolmasquim

Amílcar Guerreiro

Coordenação Executiva

James Bolívar Luna de Azevedo

Coordenação Técnica

Cláudio Gomes Velloso

Equipe Técnica

Emílio Hiroshi Matsumura

Gustavo Henrique Sena de Araújo (Estagiário)

Inah de Holanda

Luiz Claudio Orleans

Patrícia de Magalhães Castro (Estagiária)

URL: <http://www.epe.gov.br>

Sede

SAN – Quadra 1 – Bloco “B” – 1º andar
70051-903 Brasília DF

Escritório Central

RB1 - Av. Rio Branco, nº 1 - 11º andar
20090-003 Rio de Janeiro RJ

Abril de 2006

Copyright © 2005, EPE – Empresa de Pesquisa Energética
Autorizada a reprodução parcial desde que citada a fonte.

 Diretoria de Estudos Econômicos e Energéticos Superintendência de Economia da Energia		DATA	REV.
		ABR/06	0
ÁREA DE ESTUDO			
ESTATÍSTICA E ANÁLISE DO MERCADO DE ENERGIA			
COD. PROD.	PRODUTO		
4.01.02	Acompanhamento do Mercado de Energia Elétrica e da Economia		
COD. NT	NOTA TÉCNICA		
4.01.02.13	Boletim Trimestral (Ref.: IV trimestre 2005)		

ACOMPANHAMENTO DO MERCADO DE ENERGIA ELÉTRICA E DA ECONOMIA

BOLETIM TRIMESTRAL (Ref.: 4º trimestre de 2005)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
1. PANORAMA ECONÔMICO	6
1.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS	6
1.2. ATIVIDADE ECONÔMICA NO 4º TRIMESTRE DE 2005	7
2. EVOLUÇÃO DO MERCADO DE ENERGIA ELÉTRICA NO 4º TRIMESTRE 2005.....	13
2.1. RESULTADOS ANUAIS	13
2.2. RESULTADOS NO 4º TRIMESTRE.....	16

Apresentação

A Empresa de Pesquisa Energética – EPE, empresa pública instituída nos termos da Lei nº 10.847, de 15 de março de 2004, e do Decreto nº 5.184, de 16 de agosto de 2004, vinculada ao Ministério de Minas e Energia – MME, tem por finalidade prestar serviços na área de pesquisas e estudos destinados a subsidiar o planejamento do setor energético, entre eles os de energia elétrica, petróleo e gás natural e seus derivados, carvão mineral, fontes energéticas renováveis e eficiência energética.

O acompanhamento do mercado de energia elétrica brasileiro é ferramenta essencial para o entendimento da dinâmica do processo do consumo de energia nas diversas classes consumidoras e regiões do País, fornecendo subsídios valiosos para os estudos do planejamento da operação e da expansão do sistema.

Dentro de suas atribuições legais, por meio da Superintendência de Economia da Energia – SEE, da Diretoria de Estudos Econômicos e Energéticos – DEN, a EPE vem realizando, desde janeiro de 2005, esse acompanhamento.

O presente informe apresenta a consolidação e a análise dos valores do consumo de energia elétrica no quarto trimestre de 2005, vis a vis os resultados de alguns indicadores macroeconômicos. As informações são apresentadas consolidadas por classe de consumo e por subsistemas elétricos.

Também são apresentados os valores referentes ao mercado livre de energia elétrica e à autoprodução transportada. Os valores consolidados refletem levantamento de dados junto aos agentes de distribuição, transmissão e geração, compreendendo o consumo faturado e/ou medido por tais agentes. Representam, assim, o consumo de energia elétrica das cerca de 56 milhões de unidades consumidoras conectadas à rede elétrica nacional.

Não fazem parte da estatística, portanto, os consumos de unidades autoprodutoras de energia, isto é, aquelas onde produção e consumo de energia se dão no mesmo sítio, sem interferência direta com o sistema elétrico operado pelos agentes acima referidos.

1. Panorama Econômico

1.1. Considerações gerais

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 2,3% em termos reais no ano de 2005. Este resultado pode ser creditado principalmente ao fraco desempenho da agropecuária e ao impacto negativo das altas taxas de juros sobre o nível de investimento e a produção industrial.

Na análise da evolução por trimestre¹, o crescimento de 0,8% no 4º trimestre reverteu, em parte, a queda de 0,9% no 3º trimestre. Já na análise do crescimento pela ótica da produção, o setor industrial apresentou crescimento de 1,4% em relação ao trimestre anterior, enquanto agropecuária e serviços cresceram 0,8% e 0,7%, respectivamente. O resultado do último trimestre não evitou que o setor da agropecuária apresentasse seu pior resultado desde 1997. Em comparação à expansão de 5,3% em 2004, o setor cresceu apenas 0,8% em 2005.

O fraco desempenho do setor de agropecuária no ano foi, em parte, contrabalançado pelo setor de indústria e de serviços. O setor industrial cresceu 2,5% em 2005, principalmente pelo crescimento de 10,9% da indústria extrativa mineral. Já o setor de serviços expandiu 2,0%, com destaque para o comércio e o setor de transportes, com taxas de crescimento de 3,3% e 3,2%, respectivamente.

Pela ótica da despesa, a desaceleração expressiva do investimento foi consequência da alta taxa de juros em 2005. A média da taxa básica de juros (SELIC), 19,1% a.a., foi de quase 3 pontos percentuais acima da média de 2004 (16,3% a.a.). Como resultado, a formação bruta de capital fixo apresentou alta de apenas 1,6% no ano.

Por sua vez, o crescimento de 3,1% do consumo das famílias em 2005 foi sustentado pela facilidade de crédito pessoal e o crescimento da massa salarial possibilitado pela melhoria no nível de empregos.

Com a continuação da flexibilização da política monetária ao longo de 2006, as perspectivas de crescimento dos componentes do PIB mais sensíveis aos juros como o investimento e o consumo das famílias devem sustentar a taxa de crescimento esperada pelo mercado (mediana das expectativas coletadas pelo Banco Central²) de 3,5% para 2006.

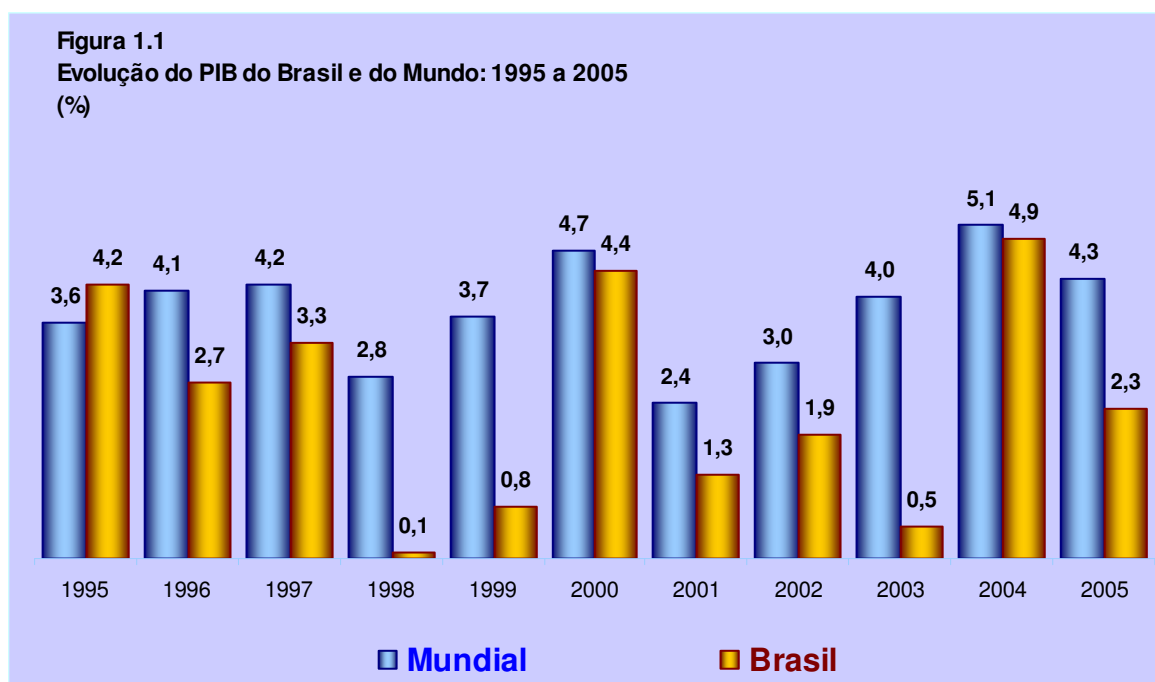
¹ Todos os cálculos apresentados de crescimento trimestral se referem à comparação de um trimestre contra o trimestre imediatamente anterior e com ajuste sazonal.

² Banco Central do Brasil: Relatório De Mercado, 24 de Março de 2006.

1.2. Atividade Econômica no 4º trimestre de 2005

O crescimento de 0,8% no 4º trimestre de 2005 ajudou a amenizar o fraco desempenho do 3º trimestre (queda de 0,9%). Esse desempenho, entretanto, foi insuficiente para impedir uma desaceleração na taxa de crescimento do PIB, que fechou 2005 em 2,3%, uma redução significativa frente aos 4,9% de expansão em 2004.

Porém, visto em perspectiva, o resultado de 2005 ficou em linha com a média de crescimento dos últimos 10 anos. Como destacou a Confederação Nacional da Indústria (CNI), o desempenho da economia brasileira nesse período ocorreu de forma bastante modesta, ainda mais quando comparado com crescimento da economia mundial, como observado na Figura 1.1.



Fonte: CNI Informa, Notas econômicas nº 89

O resultado de 2005, em particular, pode ser explicado pelo mau resultado do setor agropecuário e por uma política monetária restritiva (apesar de ter revertido para uma maior flexibilização) com impactos significativos sobre o nível de investimento e a produção industrial.

Pela ótica da despesa, o crescimento negativo do investimento (- 0,9%) no 3º trimestre foi compensado pelo aumento 1,7% no 4º trimestre. A expansão no ano atingiu 1,6%, mesmo com os resultados positivos de 2,3% da produção de máquinas e equipamentos e de 3,4% da construção civil. Entretanto, esta taxa de crescimento ficou muito aquém do forte aumento de 10,9% observado em 2004.

O consumo das famílias também apresentou variação positiva no 4º trimestre (1,3%), refletindo a evolução favorável da massa salarial e do emprego.

Tabela 1.1
Brasil: Produto Interno Bruto – Ótica da Demanda
Crescimento (%)

Discriminação	2005			
	I Tri	II Tri	III Tri	IV Tri
PIB (preços de mercado)	0,1	1,4	-0,9	0,8
Investimento	-0,3	4,7	-0,9	1,7
Consumo do Governo	0,3	0,9	-0,4	0,0
Consumo das Famílias	-0,2	1,2	1,1	1,3
Exportação	2,9	2,6	2,0	0,7
Importação	2,3	2,0	1,2	-1,3

Fonte: IBGE.

Pela ótica da produção, o crescimento no 4º trimestre de 2005 (em relação ao 3º trimestre e com ajuste sazonal) pode ser decomposto da seguinte forma: a agropecuária apresentou crescimento de 0,8%, o setor industrial 1,4% e serviços 0,7%. A tabela 1.2 mostra a evolução do PIB (pela ótica da produção) ao longo do ano.

Tabela 1.2
Brasil: Produto Interno Bruto – Ótica da Produção
Crescimento (%)

Discriminação	2005				Ano
	I Tri	II Tri	III Tri	IV Tri	
PIB (preços de mercado)	0,1	1,4	-0,9	0,8	2,3
Agropecuária	-0,3	0,9	-2,1	0,8	0,8
Indústria	-0,6	1,5	-0,9	1,4	2,5
Serviços	0,1	0,7	0,3	0,7	2,0

Fonte: IBGE.

O resultado do último trimestre não evitou que o setor agropecuário apresentasse seu pior resultado desde 1997. O setor, que havia expandido 5,3% em 2004, cresceu apenas 0,8% em 2005. Segundo o IBGE, os principais motivos para este resultado foram a queda nas exportações por conta da valorização do real, a seca no sul e a febre aftosa.

A quebra de safra provocada pela seca na Região Sul, São Paulo e Mato Grosso do Sul levou à queda de 5,5% na produção de 2005 em relação à produção de 2004, causando perda de rentabilidade aos agricultores. Dentre os setores que apresentaram queda estão os produtores de soja (-1,3%) e de cana-de-açúcar (-3,6%). No caso da soja, a queda está relacionada com as

consequências da seca nos estados da Região Sul e com o recorde de produção dos Estados Unidos que levou tanto à redução dos preços internacionais quanto à elevação dos estoques mundiais. Já os derivados de cana, em particular o açúcar, sofreram revés por conta do estímulo à produção de álcool para atender à demanda doméstica criada pelo crescimento das vendas de carros bi combustível. Por outro lado, é importante ressaltar que alguns setores conseguiram expandir como, por exemplo, o de celulose (4,4%), impulsionado pelas exportações, trigo (3,0%) e arroz (5,6%).

Ainda que prejudicada pelos focos de febre aftosa constatados no Mato Grosso do Sul e suspeitos no Paraná, a pecuária manteve-se beneficiada pelo aumento dos preços internacionais, por conta da restrição de oferta provocada pelas crises sanitárias ocorridas na Europa e na Ásia (mal da vaca louca e gripe aviária). De forma desagregada, pode-se destacar o crescimento de 3,0% de produção de derivados de aves, impulsionado pelas exportações, e o avanço de 0,8% na produção de derivados bovinos e suínos, apesar da febre aftosa que reverteu o crescimento acumulado de 2,3% até o terceiro trimestre para uma queda de 3,8% no 4º trimestre. Já os crescimentos de 6,3% nos produtos e derivados de leite e de 0,9% em couros e peles contribuíram para contrabalançar o efeito negativo da doença no setor de pecuária.

O setor industrial por sua vez sofreu o impacto do mau desempenho do setor agrícola. Em bases trimestrais, a agroindústria manteve a tendência de queda iniciada no 3º trimestre (-1,5%), apresentando recuo de -2,8% no trimestre seguinte. Com o endividamento e a conseqüente redução na capacidade de compra do produtor, o setor de produtos industriais voltados para a agricultura foi profundamente afetado, apresentando desempenho negativo de 20,5% e se tornando o principal responsável pelo recuo da agroindústria. O setor de produtos industriais derivados da agricultura também sofreu queda de 1,0%.

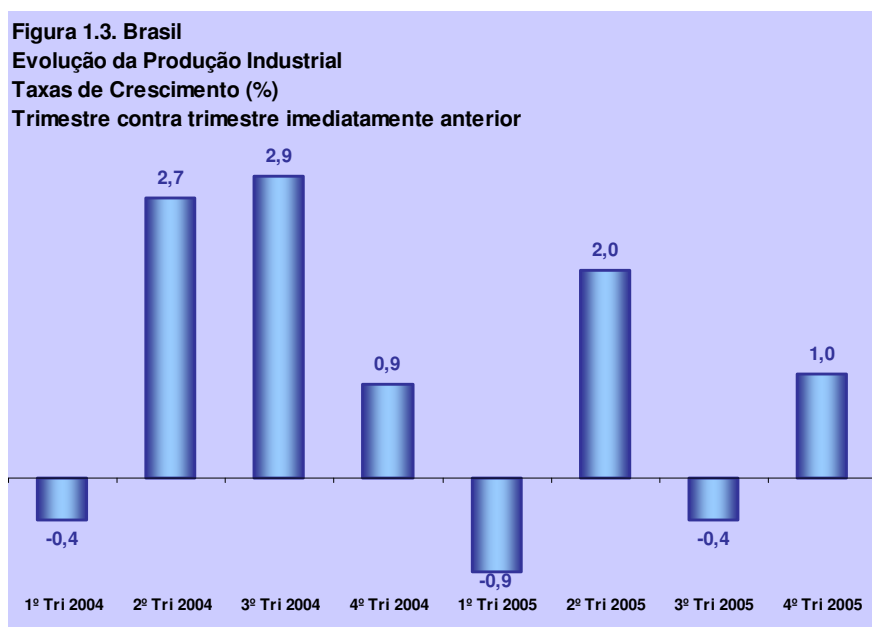
Já o setor de produtos industriais utilizados pela pecuária avançou 6,9% em 2005, em consequência do crescimento dos setores de rações e de produtos veterinários dosados (principalmente para combate e prevenção da febre aftosa) da ordem de 6,4% e 9,2%, respectivamente. Também o setor de produtos industriais derivados da pecuária se expandiu, com crescimento de 2,9%.

A despeito do revés da agroindústria, o setor industrial como um todo apresentou uma taxa de crescimento positiva de 2,5% em 2005. Em comparação com 2004, houve uma desaceleração significativa, já que a taxa de crescimento observada havia sido de 6,2%.

A indústria extrativa mineral foi a grande responsável pelo desempenho positivo do setor, obtendo crescimento da ordem de 11%, baseado na extração de petróleo e gás natural e minério de ferro. A indústria de

transformação, no entanto, apresentou baixo desempenho (recoo de 0,43% nas vendas no quarto trimestre em relação ao terceiro), em razão da queda na produção dos setores têxtil, siderúrgico, metalúrgico e petroquímico.

Já a produção industrial cresceu 3,1% em 2005. Sua evolução ao longo do ano manteve trajetória irregular conforme pode ser observado na Figura 1.3 em comparação com o 3º trimestre, o crescimento da produção industrial no 4º trimestre foi de 1,0% (com ajuste sazonal), em razão principalmente do forte crescimento verificado em dezembro o que, de acordo com o IBGE, poderia ser um indicador do fim dos efeitos negativos do ajuste de estoques sobre a produção, verificado nos meses anteriores.



Em análise por categorias de uso, o destaque positivo foi dado para o setor de bens de capital que apresentou expansão de 2,2%. As outras categorias de uso atingiram resultados mais modestos, principalmente depois da queda observada no 3º trimestre.

Em análise por categorias de uso, o destaque positivo foi dado para o setor de bens de capital que apresentou expansão de 2,2%. As outras categorias de uso atingiram resultados mais modestos, principalmente depois da queda observada no 3º trimestre.

Tabela 1.3

Brasil: Produção Física Industrial segundo Categorias de Uso
Crescimento (%)

Categoria de Uso	2005				Ano
	I Tri	II Tri	III Tri	IV Tri	
Indústria Geral	-0,9	2,0	-0,4	1,0	3,1
Bens de Capital	-1,7	3,3	1,1	2,2	3,6
Bens Intermediários	-1,8	2,2	-0,7	0,3	1,0
Bens de Consumo Duráveis	2,1	8,9	-3,9	0,1	11,4
Bens de Consumo não Duráveis	2,9	-0,4	-0,3	0,8	4,7

Fonte: IBGE.

Base: igual trimestre do ano anterior = 100.

No ano, o setor produtor de bens de consumo duráveis foi o que apresentou a maior expansão (11,4% no ano), puxada pelos resultados positivos no setor de automóveis (20,1%), por conta do lançamento de veículos bicomcombustível, e telefones celulares (43,5%).

Os setores de bens de consumo semiduráveis e não-duráveis tiveram acréscimo acima da média da indústria por conta, principalmente, do maior poder de compra da população, resultado do crescimento da massa salarial e da trajetória de queda dos índices de inflação e da taxa de câmbio.

No setor de bens de capital, o crescimento de 3,6% no ano foi possibilitado pelos resultados positivos das áreas associadas à infra-estrutura, tais como a produção de máquinas e equipamentos para construção (32,1%) e a produção de máquinas e equipamentos para energia elétrica (28,5%) que, mais do que compensaram a queda observada especialmente na produção de bens de capital para agricultura (-37,8%).

O crescimento de bens intermediários foi mais modesto: 1,0%, apesar da expansão de 12,2% nos setores de combustíveis e lubrificantes, em particular, os itens minério de ferro e petróleo.

Por fim, o setor de serviços expandiu 2,0% com destaque para o comércio e para o setor de transportes, que atingiram taxas de crescimento de 3,3% e 3,2%, respectivamente.

O comércio varejista em 2005 manteve-se beneficiado pelas facilidades de crédito ao consumidor, aumento de massa salarial (em função da melhora do nível de ocupação) e pela taxa de câmbio. A título de ilustração, a Figura 1.4 mostra a evolução positiva da massa salarial na indústria de transformação.

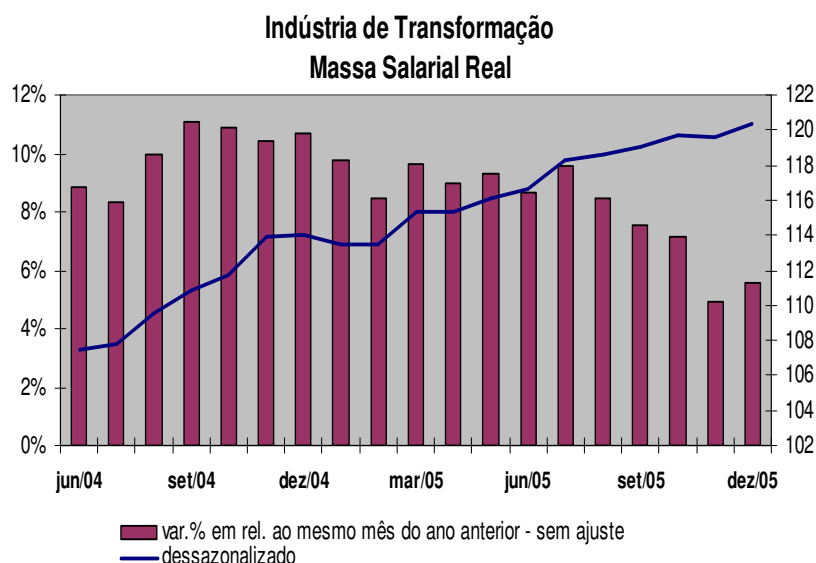


Figura 1.4
Evolução da Massa Salarial Real das Indústrias de Transformação

Na liderança dos segmentos responsáveis pelo crescimento do comércio, o setor de equipamentos e material de escritório, de informática e de comunicação expandiu 54,0% no ano. Outros setores também apresentaram crescimento significativo como, por exemplo, os segmentos de móveis e eletrodomésticos (alta de 16,0%) e de outros artigos de uso pessoal e doméstico com taxa de volume de vendas de 14,8%.

Por outro lado, a evolução ao longo do ano indica um ritmo de expansão mais baixo. O crescimento passou de 5,5% no 3º trimestre para 4,3% no 4º trimestre. Este resultado reflete o aquecimento das atividades de hipermercados e supermercados (1,3%), produtos alimentícios, bebidas e fumo, móveis e eletrodomésticos (11,5%); e livros, jornais, revistas e papelaria (-0,01%), que apresentaram taxas de crescimento menores no quarto trimestre, em comparação ao trimestre anterior quando expandiram a taxas de 4,0%, 151,3% e 4,2%, respectivamente. A destacar, a expansão do setor de equipamentos e material de escritório e informática e comunicação que atingiu 77,9% em termos de volume de vendas, em relação ao terceiro trimestre, quando apresentou taxa de 60,2%.

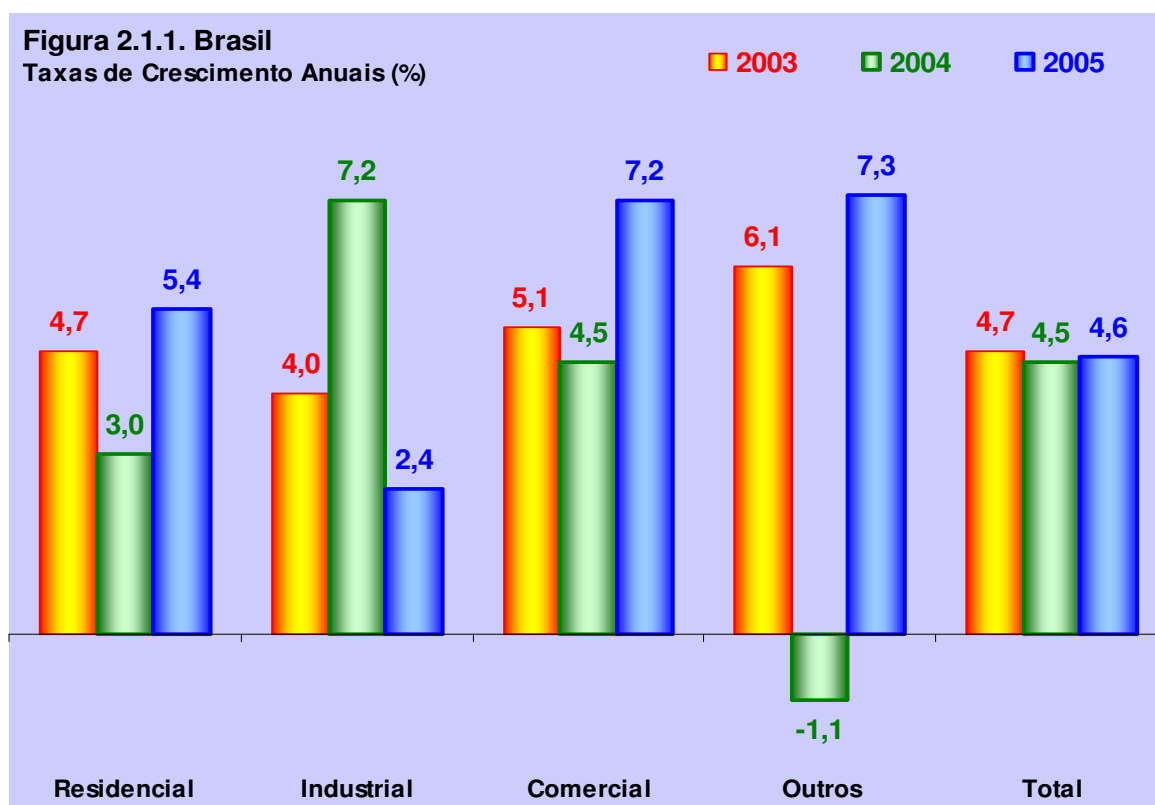
Ao analisar o comércio varejista ampliado – comércio varejista incluindo os setores de peças e automóveis e materiais de construção – é possível notar que sua taxa média de desempenho de volume de vendas para o quarto trimestre (2,7%) praticamente não se alterou quando em comparação com a taxa apresentada para o terceiro trimestre, cujo valor foi de 2,7%. Destaca-se, no entanto o desempenho positivo do volume de vendas do setor de veículos, motos, partes e peças que aumentou de -0,5% para 1,1%.

2. Evolução do Mercado de Energia Elétrica no 4º Trimestre 2005

2.1. Resultados Anuais

Em 2005, o montante de energia elétrica consumido por consumidores livres e cativos no País registrou o valor de 335.411 GWh, significando um aumento de 4,6% sobre o ano 2004. Manteve-se, portanto, praticamente o mesmo patamar de crescimento dos dois últimos anos: 4,7%, em 2003, e 4,5% em 2004.

Os setores residencial (5,4%) e comercial (7,2%) foram os maiores responsáveis pela expansão do consumo total em 2005. Juntos, esses dois setores representaram 41% do mercado total. Por sua vez, o segmento industrial (45% do mercado total) registrou aumento de apenas 2,4%, única taxa abaixo da média total. Ao segmento outros consumos coube a maior taxa anual de crescimento, 7,3% (Figura 2.1.1).



A dinâmica de crescimento do mercado em 2005 diferiu daquela observada em 2004, quando foi justamente a classe industrial (7,2%) que mais puxou o crescimento do consumo total. No mesmo ano, o consumo residencial alcançou crescimento de 3,0% e o comercial de 4,5%.

Os valores do mercado de fornecimento, detalhados por classe de consumo, segundo e subsistema elétrico e região, são apresentados nas Tabelas 2.1.1 e 2.1.2 a seguir.

Tabela 2.1.1. Brasil e Subsistemas Elétricos
Consumo de Energia Elétrica (GWh)
Mês de Referência: Dezembro

Regiões/ Classes de Consumo	No Mês			No Ano			Últimos Doze Meses		
	2005	2004	Δ%	2005	2004	Δ%	2005	2004	Δ%
Brasil	28.526	27.591	3,4	335.411	320.772	4,6	335.411	320.772	4,6
Residencial	7.080	6.643	6,6	82.693	78.470	5,4	82.693	78.470	5,4
Industrial	12.583	12.479	0,8	149.542	146.065	2,4	149.542	146.065	2,4
Comercial	4.654	4.400	5,8	53.239	49.686	7,2	53.239	49.686	7,2
Outros	4.208	4.068	3,4	49.936	46.551	7,3	49.936	46.551	7,3
Sistemas Isolados	616	604	2,1	7.107	6.696	6,1	7.107	6.696	6,1
Residencial	204	200	2,0	2.375	2.290	3,7	2.375	2.290	3,7
Industrial	155	159	-2,5	1.804	1.688	6,9	1.804	1.688	6,9
Comercial	121	116	4,7	1.397	1.301	7,4	1.397	1.301	7,4
Outros	136	129	5,7	1.531	1.418	7,9	1.531	1.418	7,9
Norte Interligado	2.043	1.919	6,4	22.995	22.408	2,6	22.995	22.408	2,6
Residencial	269	253	6,0	3.154	2.946	7,0	3.154	2.946	7,0
Industrial	1.468	1.370	7,1	16.349	16.076	1,7	16.349	16.076	1,7
Comercial	153	142	7,6	1.735	1.618	7,2	1.735	1.618	7,2
Outros	153	153	-0,1	1.757	1.767	-0,5	1.757	1.767	-0,5
Nordeste Interligado	4.102	4.007	2,4	47.318	44.758	5,7	47.318	44.758	5,7
Residencial	1.061	1.016	4,5	12.290	11.441	7,4	12.290	11.441	7,4
Industrial	1.601	1.655	-3,3	19.055	18.662	2,1	19.055	18.662	2,1
Comercial	638	588	8,6	7.033	6.444	9,1	7.033	6.444	9,1
Outros	802	748	7,3	8.940	8.211	8,9	8.940	8.211	8,9
Sudeste/CO Interligado	16.850	16.383	2,8	200.569	191.589	4,7	200.569	191.589	4,7
Residencial	4.390	4.074	7,8	51.191	48.680	5,2	51.191	48.680	5,2
Industrial	7.289	7.285	0,1	87.635	85.199	2,9	87.635	85.199	2,9
Comercial	2.955	2.823	4,7	34.285	32.066	6,9	34.285	32.066	6,9
Outros	2.216	2.201	0,7	27.457	25.643	7,1	27.457	25.643	7,1
Sul	4.915	4.679	5,0	57.423	55.322	3,8	57.423	55.322	3,8
Residencial	1.157	1.101	5,1	13.684	13.112	4,4	13.684	13.112	4,4
Industrial	2.071	2.009	3,0	24.698	24.440	1,1	24.698	24.440	1,1
Comercial	786	731	7,6	8.790	8.257	6,5	8.790	8.257	6,5
Outros	901	838	7,5	10.251	9.513	7,8	10.251	9.513	7,8

Valores Preliminares

Tabela 2.1.2. Brasil e Regiões
Consumo de Energia Elétrica (GWh)
Mês de Referência: Dezembro

Regiões/ Classes de Consumo	No Mês			No Ano			Últimos Doze Meses		
	2005	2004	Δ%	2005	2004	Δ%	2005	2004	Δ%
Brasil	28.526	27.591	3,4	335.411	320.772	4,6	335.411	320.772	4,6
Residencial	7.080	6.643	6,6	82.693	78.470	5,4	82.693	78.470	5,4
Industrial	12.583	12.479	0,8	149.542	146.065	2,4	149.542	146.065	2,4
Comercial	4.654	4.400	5,8	53.239	49.686	7,2	53.239	49.686	7,2
Outros	4.208	4.068	3,4	49.936	46.551	7,3	49.936	46.551	7,3
Norte	1.772	1.741	1,8	20.542	19.882	3,3	20.542	19.882	3,3
Residencial	363	356	1,9	4.286	4.086	4,9	4.286	4.086	4,9
Industrial	970	953	1,8	11.221	10.962	2,4	11.221	10.962	2,4
Comercial	217	208	4,1	2.506	2.346	6,8	2.506	2.346	6,8
Outros	223	224	-0,4	2.529	2.487	1,7	2.529	2.487	1,7
Nordeste	4.963	4.763	4,2	56.547	53.683	5,3	56.547	53.683	5,3
Residencial	1.162	1.104	5,2	13.419	12.488	7,5	13.419	12.488	7,5
Industrial	2.249	2.227	1,0	25.925	25.405	2,0	25.925	25.405	2,0
Comercial	690	632	9,2	7.589	6.954	9,1	7.589	6.954	9,1
Outros	862	800	7,7	9.614	8.837	8,8	9.614	8.837	8,8
Sudeste	15.238	14.773	3,1	180.944	172.666	4,8	180.944	172.666	4,8
Residencial	3.870	3.569	8,4	45.007	42.833	5,1	45.007	42.833	5,1
Industrial	6.881	6.858	0,3	82.664	80.118	3,2	82.664	80.118	3,2
Comercial	2.628	2.503	5,0	30.430	28.457	6,9	30.430	28.457	6,9
Outros	1.859	1.842	0,9	22.843	21.258	7,5	22.843	21.258	7,5
Sul	4.915	4.679	5,0	57.423	55.322	3,8	57.423	55.322	3,8
Residencial	1.157	1.101	5,1	13.684	13.112	4,4	13.684	13.112	4,4
Industrial	2.071	2.009	3,0	24.698	24.440	1,1	24.698	24.440	1,1
Comercial	786	731	7,6	8.790	8.257	6,5	8.790	8.257	6,5
Outros	901	838	7,5	10.251	9.513	7,8	10.251	9.513	7,8
Centro-Oeste	1.639	1.635	0,2	19.955	19.220	3,8	19.955	19.220	3,8
Residencial	529	513	3,2	6.297	5.950	5,8	6.297	5.950	5,8
Industrial	413	432	-4,5	5.034	5.140	-2,1	5.034	5.140	-2,1
Comercial	334	326	2,5	3.924	3.672	6,9	3.924	3.672	6,9
Outros	363	364	-0,3	4.700	4.457	5,4	4.700	4.457	5,4

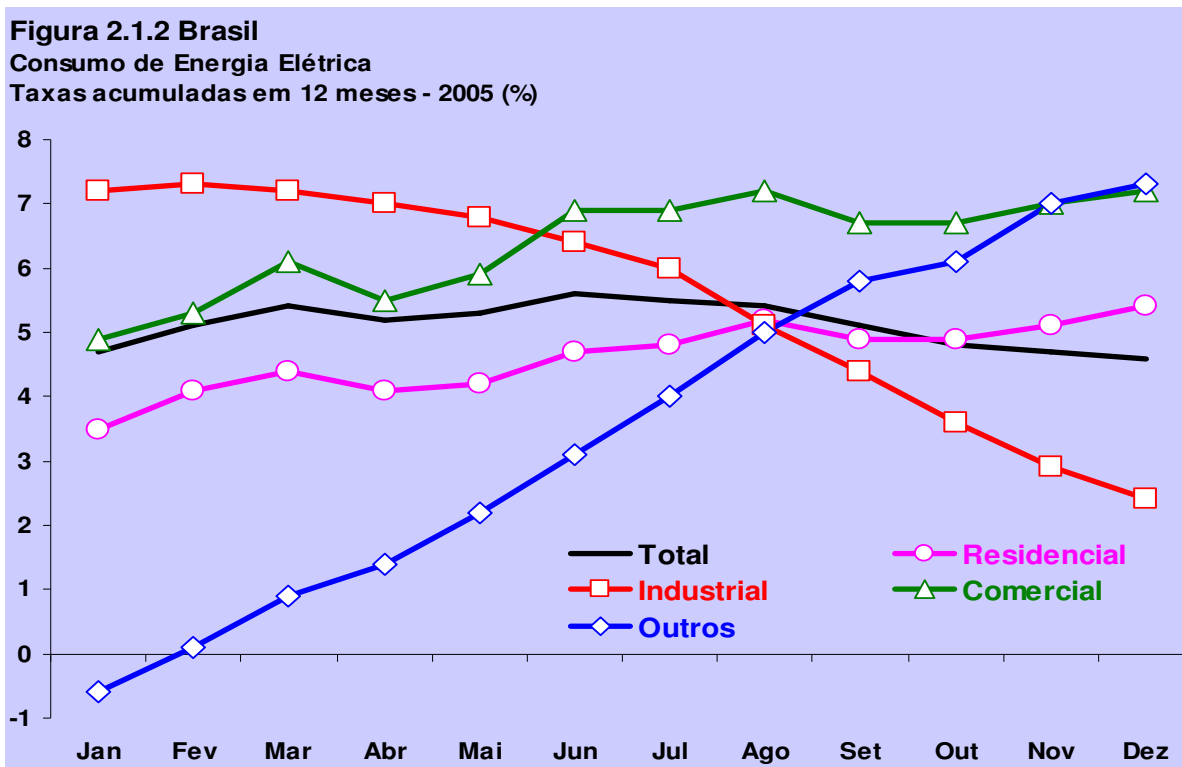
Valores Preliminares

Como visto, o comportamento do mercado total de energia elétrica ao longo de 2005 foi fortemente influenciado pelo desempenho da classe industrial que representou 45% do mesmo em 2005. A classe revelou trajetória declinante de crescimento desde o início do ano, mais acentuadamente a partir de julho.

Em contrapartida, a classe residencial, que mesmo no período que se seguiu ao racionamento apresentou baixo nível de crescimento (inclusive decréscimo de 1,2% em 2002), manteve ao longo de 2005 taxas mensais mais próximas às do histórico. A evolução das taxas acumuladas em 12 meses

da classe residencial revela um comportamento bastante estável nos últimos meses do ano (em torno de 5%), com uma pequena elevação em dezembro, quando fechou em 5,4%.

A classe comercial consolidou no ano crescimento de 7,2%, apresentando-se, portanto, bem acima da expansão do mercado total. No caso dessa classe, as taxas acumuladas em 12 meses se situaram em patamar próximo dos 7% desde junho. O agregado outros consumos apresentou trajetória fortemente ascendente ao longo do ano, partindo de uma taxa acumulada em doze meses de -0,6%, em janeiro, para 7,3%, em dezembro.



2.2. Resultados no 4º Trimestre

A tabela abaixo apresenta o consumo de energia elétrica em cada mês do último trimestre de 2005 e as taxas mensais de crescimento sobre os mesmos meses de 2004. Os resultados referem-se às estatísticas por subsistema elétrico e classe de consumo.

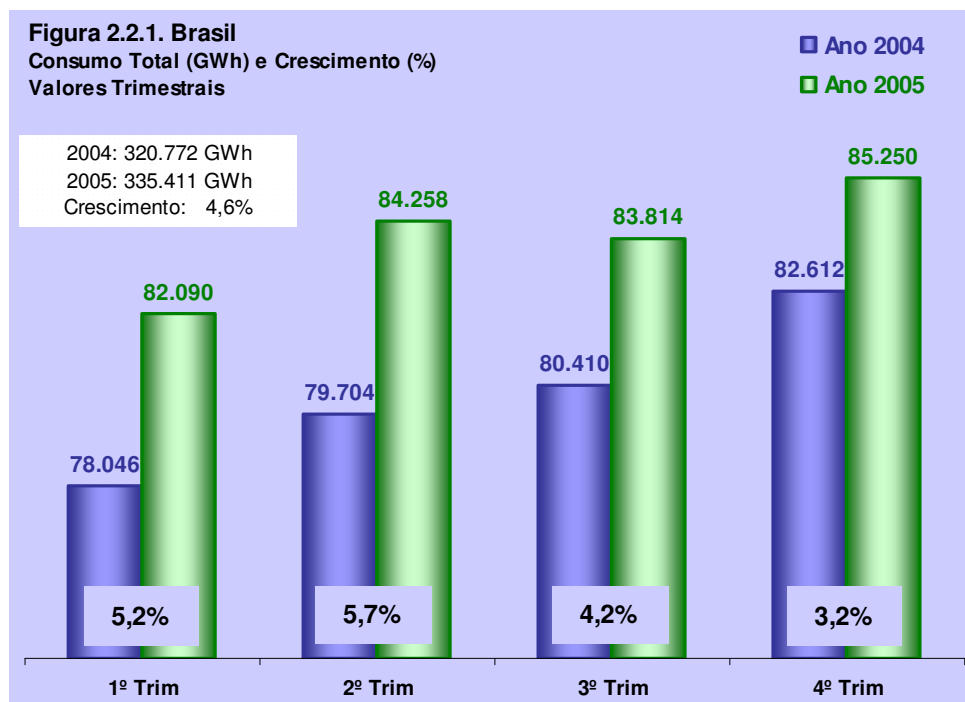
Tabela 2.2.1
Brasil e Subsistemas Elétricos
Consumo de Energia Elétrica (GWh) e Taxas de Crescimento (%)

Brasil	4º Trimestre 2005				Variação 2004/2005 (%)			
	Outubro	Novembro	Dezembro	Trimestre	Outubro	Novembro	Dezembro	Trimestre
Consumo Total	28.184	28.540	28.528	85.249	2,0	4,2	3,4	3,2
Residencial	6.898	7.047	7.080	21.025	4,4	6,3	6,6	5,8
Industrial	12.584	12.583	12.584	37.750	-0,8	0,2	0,8	0,1
Comercial	4.404	4.569	4.654	13.627	5,2	7,9	5,8	6,3
Outros	4.298	4.340	4.208	12.846	3,6	9,1	3,4	5,3
Norte Isolado	4º Trimestre 2005				Variação 2004/2005 (%)			
	Outubro	Novembro	Dezembro	Trimestre	Outubro	Novembro	Dezembro	Trimestre
Consumo Total	636	641	616	1.893	5,0	7,1	2,0	4,7
Residencial	209	220	204	633	3,8	6,9	2,0	4,3
Industrial	166	161	155	483	3,9	6,1	-2,5	2,4
Comercial	122	125	121	368	5,9	7,6	4,3	5,9
Outros	139	135	136	410	7,7	8,2	5,4	7,1
Norte Interligado	4º Trimestre 2005				Variação 2004/2005 (%)			
	Outubro	Novembro	Dezembro	Trimestre	Outubro	Novembro	Dezembro	Trimestre
Consumo Total	1.982	1.960	2.043	5.984	2,4	3,4	6,5	4,1
Residencial	270	276	269	814	7,6	7,6	6,0	7,1
Industrial	1.407	1.381	1.468	4.257	1,0	2,6	7,1	3,6
Comercial	151	151	153	455	9,0	6,0	7,6	7,5
Outros	153	152	153	458	0,9	1,3	0,3	0,8
Nordeste Interligado	4º Trimestre 2005				Variação 2004/2005 (%)			
	Outubro	Novembro	Dezembro	Trimestre	Outubro	Novembro	Dezembro	Trimestre
Consumo Total	4.011	4.089	4.103	12.203	3,7	3,5	2,4	3,2
Residencial	1.015	1.048	1.061	3.124	6,1	5,5	4,4	5,4
Industrial	1.588	1.585	1.601	4.774	-2,2	-2,5	-3,3	-2,7
Comercial	597	618	638	1.853	10,2	8,4	8,5	9,0
Outros	811	838	802	2.451	9,0	10,3	7,3	8,9
Sudeste/CO Interligado	4º Trimestre 2005				Variação 2004/2005 (%)			
	Outubro	Novembro	Dezembro	Trimestre	Outubro	Novembro	Dezembro	Trimestre
Consumo Total	16.923	17.108	16.850	50.881	1,4	4,2	2,8	2,8
Residencial	4.291	4.384	4.390	13.065	3,9	6,8	7,7	6,2
Industrial	7.366	7.349	7.289	22.004	-1,0	-0,5	0,1	-0,5
Comercial	2.846	2.955	2.955	8.756	4,0	8,3	4,7	5,7
Outros	2.420	2.421	2.216	7.056	1,2	10,5	0,7	4,0
Sul Interligado	4º Trimestre 2005				Variação 2004/2005 (%)			
	Outubro	Novembro	Dezembro	Trimestre	Outubro	Novembro	Dezembro	Trimestre
Consumo Total	4.632	4.742	4.915	14.288	2,4	4,4	5,0	4,0
Residencial	1.113	1.120	1.157	3.390	4,0	4,6	5,1	4,6
Industrial	2.056	2.106	2.071	6.233	-0,2	3,2	3,1	2,0
Comercial	688	721	786	2.196	4,7	6,4	7,6	6,3
Outros	775	794	901	2.470	5,6	5,5	7,5	6,3

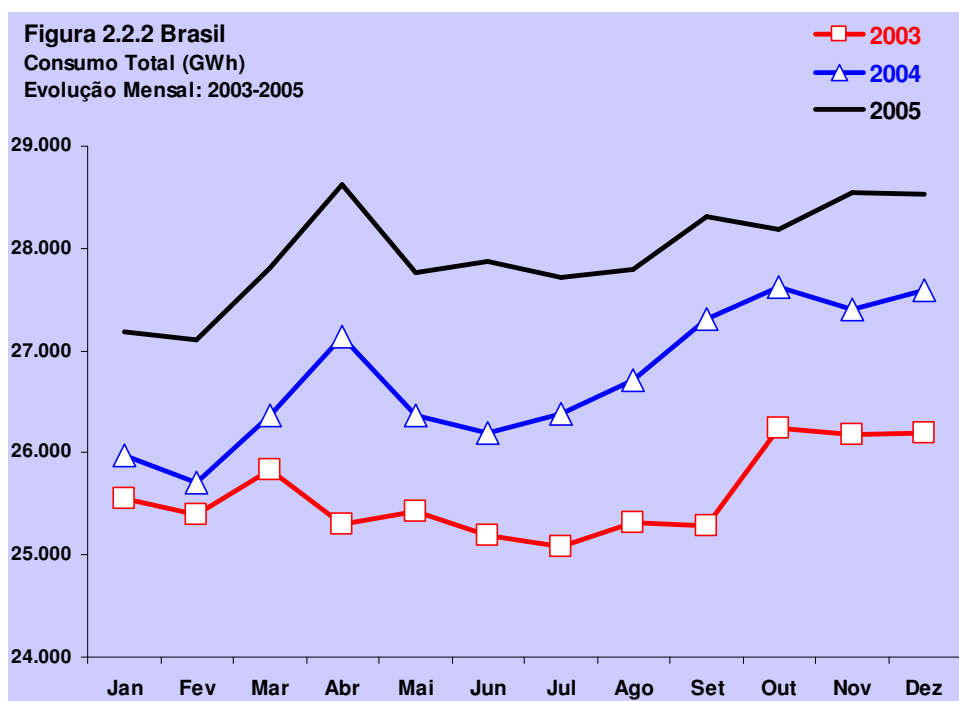
A análise do comportamento do mercado no 4º trimestre 2005 mostra uma pequena reação do consumo nacional em novembro, depois da tendência de queda observada no terceiro trimestre. Em dezembro, contudo, o crescimento voltou a ser mais baixo, fechando com uma taxa de 3,4%.

Este movimento pode ser comprovado na comparação mês a mês, entre 2004 e 2005, quando para outubro, novembro e dezembro as taxas de crescimento obtidas foram 2,0%, 3,6% e 3,4%, respectivamente.

No quarto trimestre de 2005 verificou-se o maior consumo do ano (85.250 GWh), que apontou crescimento de 3,2% sobre o mesmo trimestre de 2004 e de 1,7% relativamente ao trimestre imediatamente anterior.



A evolução mensal do consumo total é apresentada na Figura 2.2.2 a seguir. Observa-se que em todos os meses do ano o consumo total manteve-se acima de 2004, apresentando apenas uma queda no nível de crescimento a partir de julho, fato que está relacionado basicamente com o comportamento do segmento industrial.



O consumo da classe industrial acumulou 149.542 GWh em 2005, indicando aumento de 2,4% sobre 2004 (o menor entre os principais segmentos), contra uma taxa média de 5,6% ao ano entre 2002 e 2004.

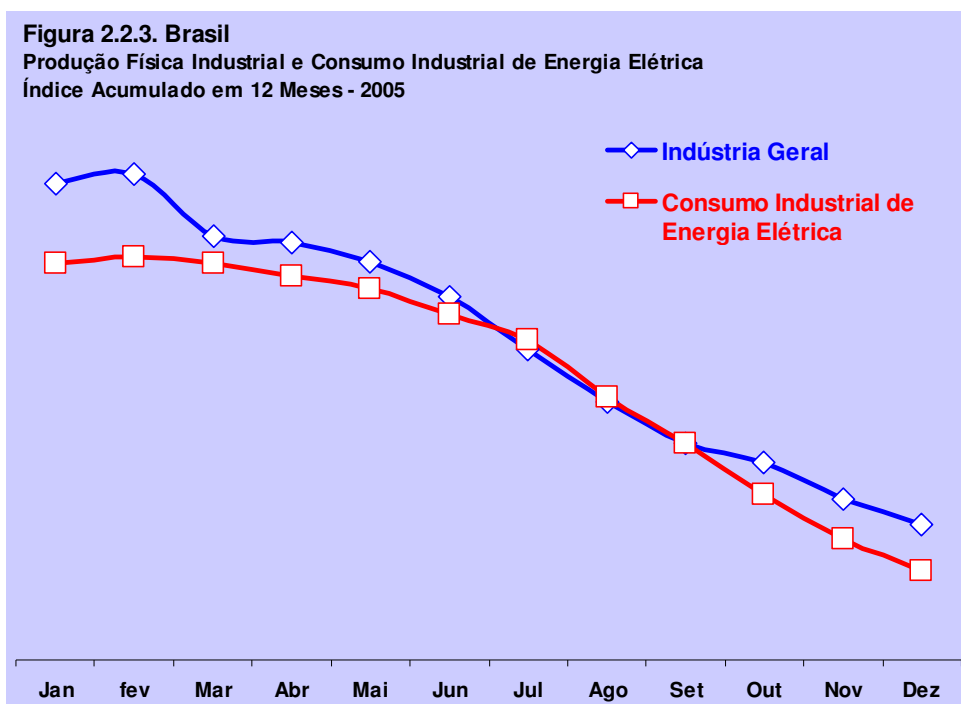
A análise da evolução mensal do consumo industrial mostra uma tendência de queda no nível de crescimento ao longo do ano, com um aprofundamento no último trimestre. Após ter consolidado expansão de 4% no primeiro semestre, a classe obteve incremento de apenas 1,6% no terceiro trimestre e, no quarto trimestre, mostrou estagnação com relação ao mesmo período de 2004, indicando variação de apenas 0,1% nesta comparação.

Como já comentado, o comportamento do consumo industrial em 2005 refletiu diretamente o desempenho da atividade industrial no País ao longo do ano.

Os dados do IBGE evidenciam uma trajetória de crescimento declinante da indústria nacional em 2005, que se verificou de forma mais intensa no segundo semestre. De acordo com especialistas, esta desaceleração da atividade industrial esteve associada ao fato de que o setor havia acumulado muitos estoques ao longo do primeiro semestre, na expectativa de crescimento mais elevado no ano.

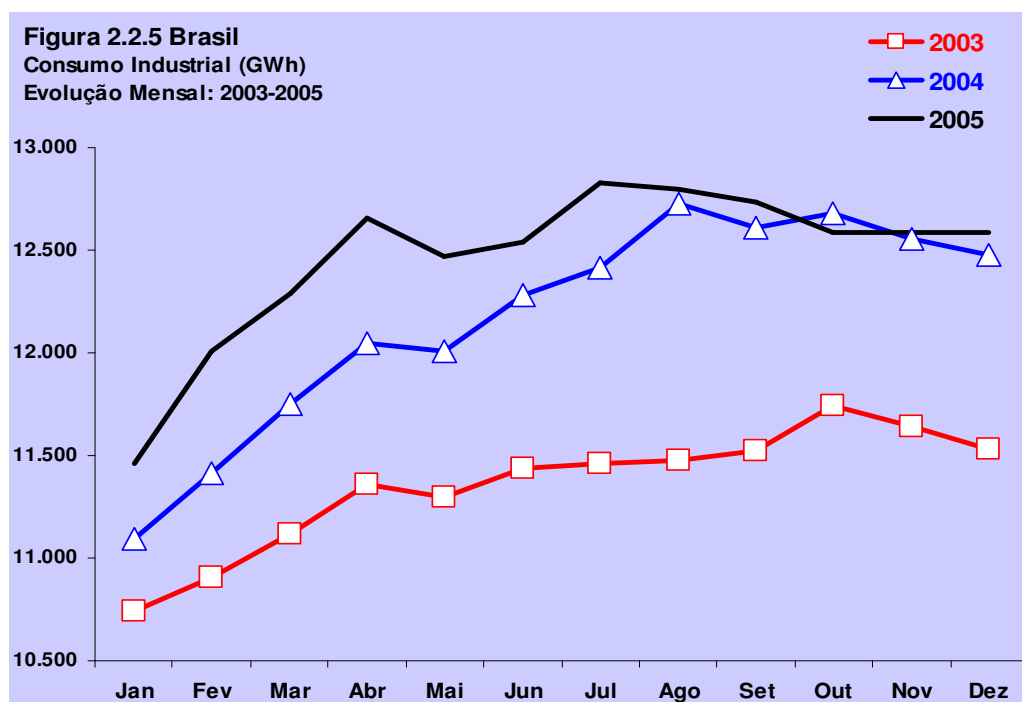
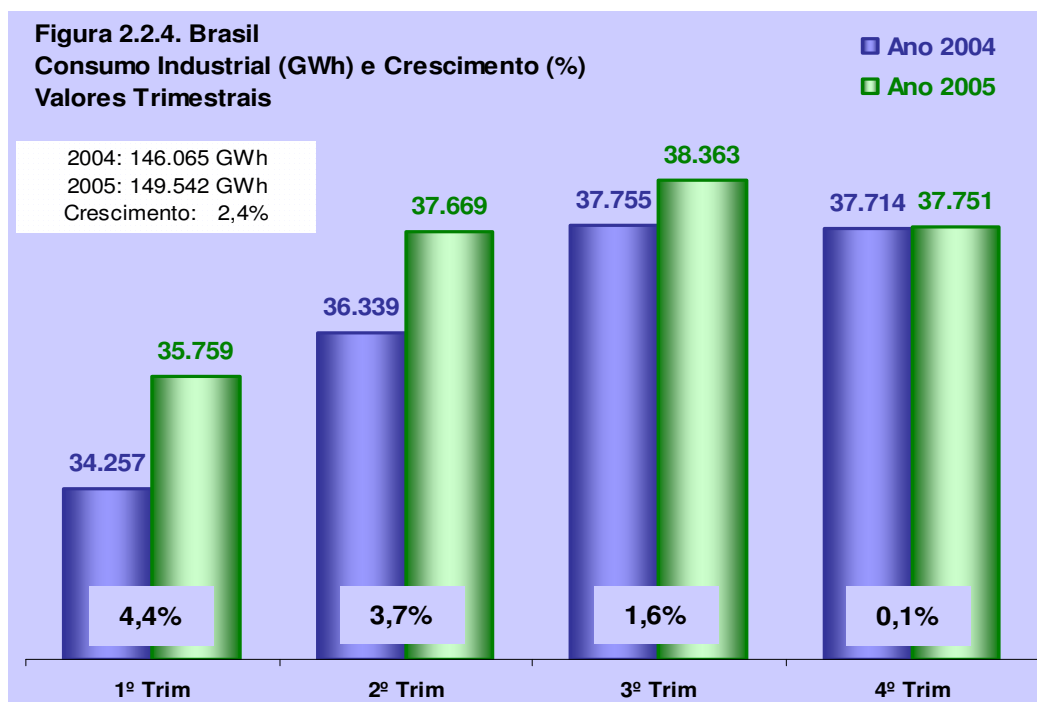
Com a frustração das encomendas, o setor reduziu esses estoques de forma acentuada no terceiro e quarto trimestres, colaborando, assim, para o recuo da produção.

A forte relação entre a produção industrial e o consumo do setor industrial de energia elétrica pode ser constatada através da Figura 2.2.3 a seguir.

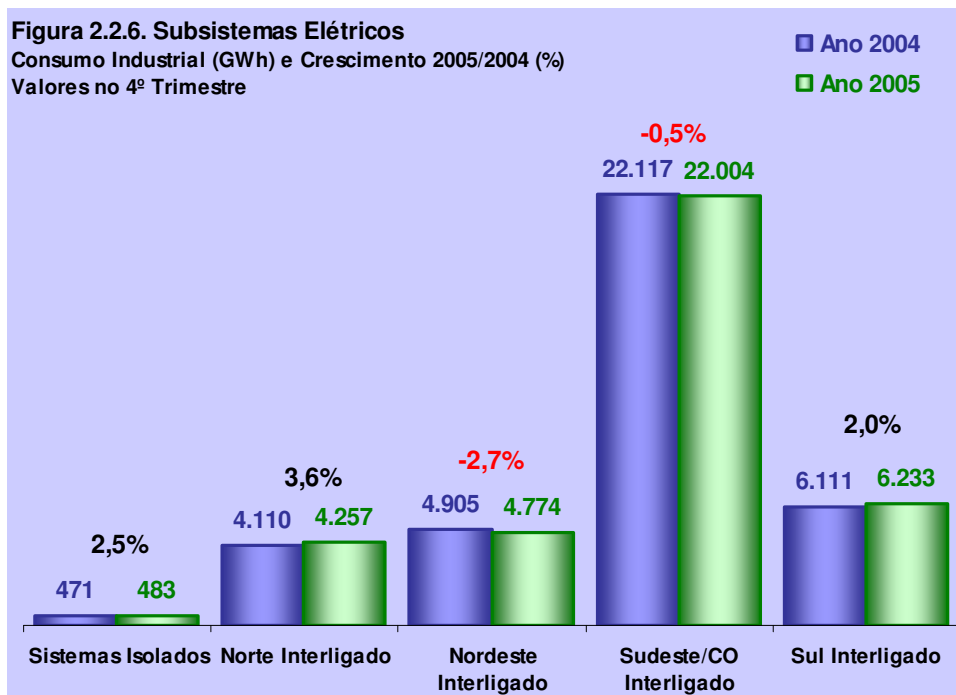


Apesar do ajuste na produção industrial, seguindo tendência histórica, o consumo industrial de energia elétrica foi maior no terceiro trimestre do ano, totalizando o valor de 38.363 GWh. Este valor foi 7,3% superior ao do período janeiro-março, quando se verificou o menor consumo do ano.

As duas figuras a seguir apresentam, respectivamente, o consumo industrial por trimestre e as taxas de crescimento em relação ao ano 2004, e a evolução mensal nos últimos três anos.

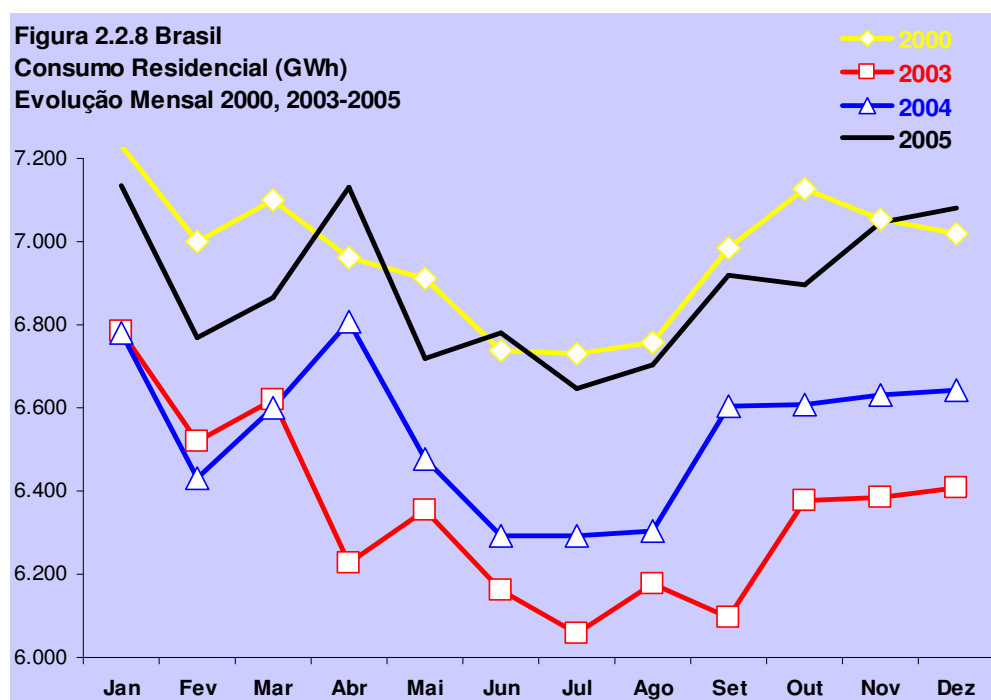
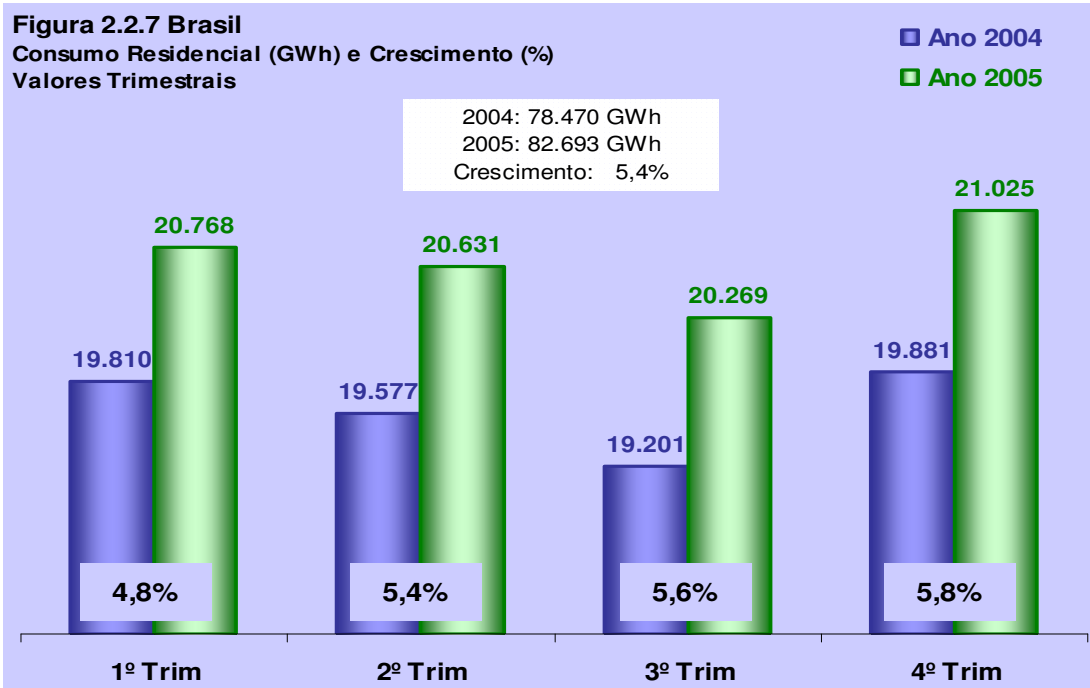


A análise do consumo industrial no quarto trimestre de 2005 pelos subsistemas elétricos mostra taxas negativas em relação a 2004 nos Nordeste e no Sudeste/CO Interligados, que juntos representaram 71% do consumo industrial total no período. Ainda neste período, o melhor resultado foi apresentado no Subsistema Norte Interligado (3,6%), seguido do Sul Interligado (2,0%).

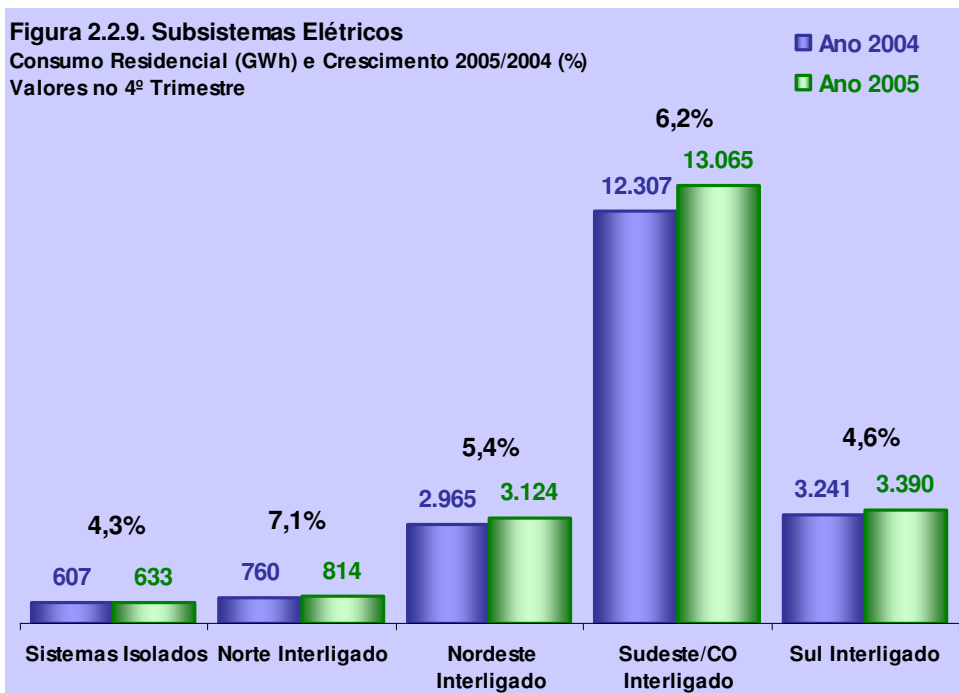


Em 2005, o consumo residencial de energia elétrica totalizou 82.693 GWh, representando 25% do mercado total e indicando crescimento de 5,4% sobre 2004, o maior crescimento entre os dos principais segmentos do mercado. Esta é a maior taxa da classe nos últimos sete anos. Contudo, deve-se registrar que o consumo residencial em 2005 ainda se situa abaixo de 2000, apontando taxa de -1,1% nessa comparação.

Na análise dos crescimentos versus 2004, deve-se levar em conta que a base de comparação é baixa, tendo em vista que o ano 2004 foi muito chuvoso e, portanto, apresentou temperaturas mais baixas. O ano 2005, ao contrário, apresentou temperaturas médias mais elevadas, impulsionando a utilização de sistemas de refrigeração. Assim, vale destacar que o setor residencial sustentou ao longo do ano crescimento expressivo (Figura 2.2.7), notando-se taxas mais elevadas nos dois últimos trimestres do ano. No período outubro-dezembro verificou-se o maior consumo do ano 2005, que foi 1,2% superior ao do primeiro trimestre, quando as temperaturas são também elevadas.



A exemplo do que ocorreu ao longo do ano, todos os subsistemas revelaram bons resultados para o consumo residencial no quarto trimestre. Nesse período, o melhor desempenho foi apresentado pelo Norte Interligado (7,1%), que veio seguido do Sudeste/CO Interligado (6,2%). Tais resultados podem ser analisados através da Figura 2.2.9 abaixo.



Quanto ao número de consumidores residenciais, em dezembro de 2005 foram atendidas e faturadas pelos agentes distribuidores 48,4 milhões residências, indicando crescimento de 3,3% sobre 2004, ou seja, um aumento líquido de 1,6 milhão de contas residenciais no período de um ano (130 mil novas ligações/mês, em média).

Todos os subsistemas apresentaram crescimento expressivo, porém pode-se destacar o resultado de 5,1% no Norte Interligado.

O consumo residencial médio, em termos de Brasil, encerrou o ano 2005 com o valor de 142,5 kWh, o que significou um aumento de 2,0% sobre 2004. À exceção dos Sistemas Isolados, onde o consumo médio ficou estável, todos os subsistemas revelaram melhoria, tendo o melhor resultado, em termos relativos, sido apresentado pelo Nordeste Interligado.

Tabela 2.2.2. Brasil e Sistemas Elétricos

Número de Consumidores Residenciais e Consumo Residencial Médio

Consumidores Residenciais (mil)			
Sistemas	2004	2005	%
Sistemas Isolados	1.185	1.230	3,8
Norte Interligado	2.282	2.397	5,1
Nordeste Interligado	10.311	10.714	3,9
Sudeste/CO Interligado	26.106	26.887	3,0
Sul Interligado	6.908	7.123	3,1
Brasil	46.791	48.351	3,3
Consumo Residencial Médio - kWh/Mês			
Sistemas	2004	2005	%
Sistemas Isolados	161,0	160,9	-0,1
Norte Interligado	107,6	109,6	1,9
Nordeste Interligado	92,5	95,6	3,4
Sudeste/CO Interligado	155,4	158,7	2,1
Sul Interligado	158,2	160,1	1,2
Brasil	139,8	142,5	2,0

A expansão do consumo residencial de eletricidade nos últimos anos tem se dado, principalmente, em função do aumento no número de ligações. Por manutenção dos hábitos de consumo adquiridos no racionamento, entre os principais motivos, o consumo residencial médio apresentou pouca melhora desde 2001. O valor verificado em 2005 é, ainda, cerca de 20% inferior ao do ano 2000.

A classe comercial seguiu mantendo forte ritmo de crescimento, superior ao dos demais segmentos do mercado. No quarto trimestre do ano, o montante consumido pela categoria somou 13.627 GWh, indicando crescimento de 6,3% ante o mesmo período de 2004.

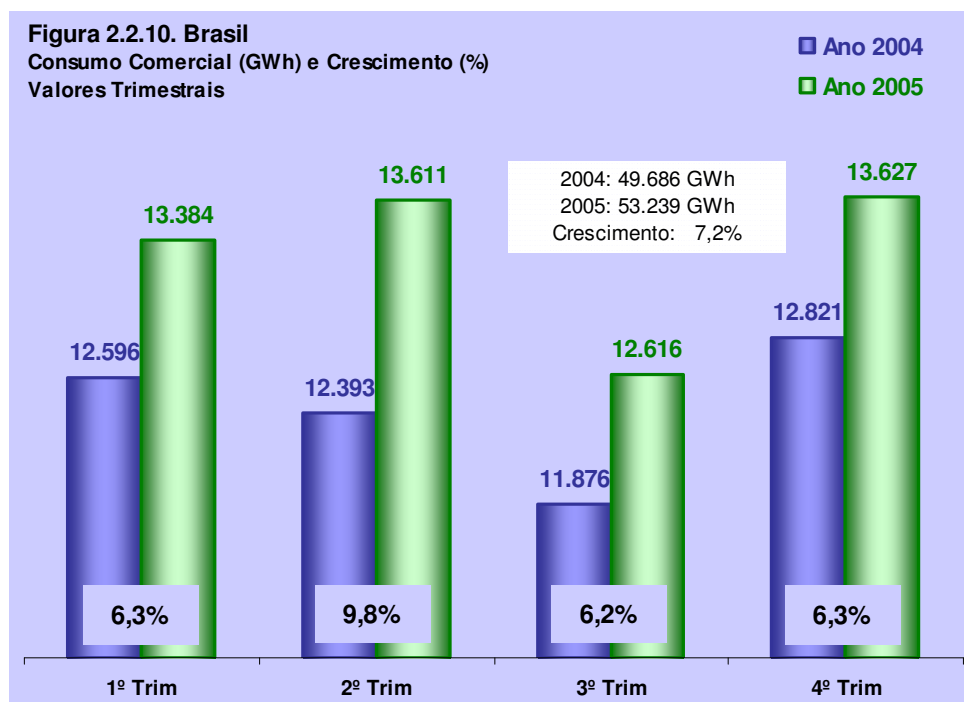
Impulsionada, dentre outros fatores, pelo aumento do turismo e pelo incremento nas atividades portuárias, além do natural processo de expansão e modernização do setor de comércio e serviços, a classe alcançou crescimento, sobre 2004, de 7,2%.

De fato, indicadores do turismo mostram que o setor bateu recordes em 2005. De acordo com o Boletim de Desempenho Econômico do Turismo, documento da Embratur/Ministério do Turismo, o turismo internacional rendeu, em 2005, US\$ 3,861 bilhões ao Brasil, significando um crescimento da ordem de 20% frente a 2004.

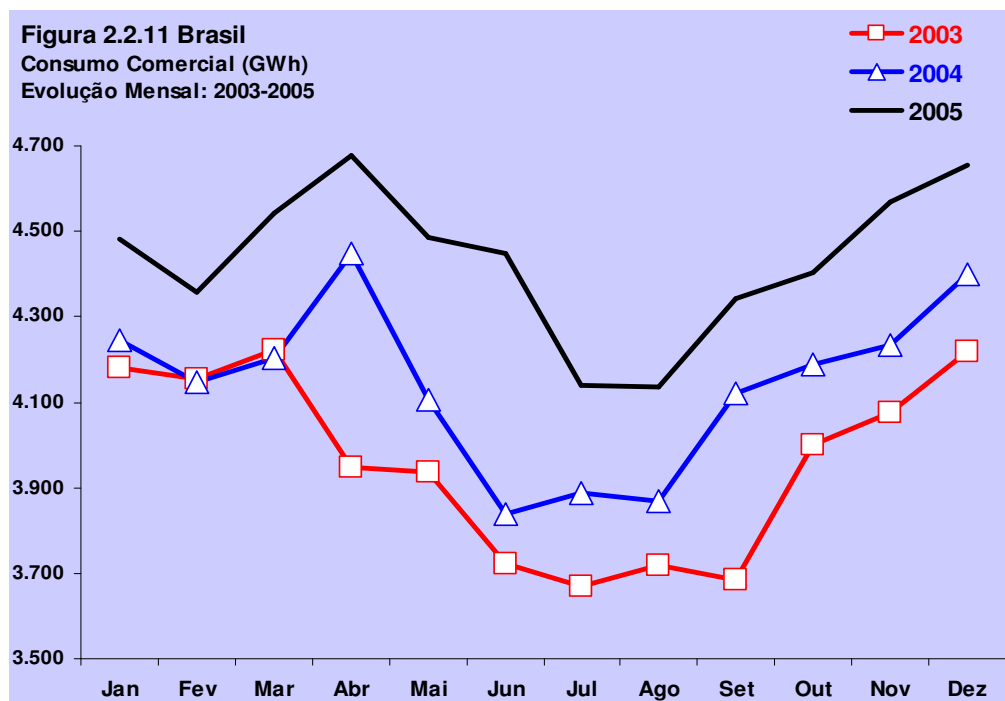
Segundo a Infraero, o número de desembarques internacionais alcançou, em 2005, o recorde histórico de 6.784 mil, 10,5% a mais que os de 2004 (neste caso estão incluídos os passageiros brasileiros provenientes do exterior).

Resultados igualmente expressivos foram detectados no total de vôos domésticos em 2005: o número de desembarques de passageiros somou 43.130 mil, um aumento de 18% em relação a 2004.

Assim como para o consumo residencial, deve-se ressaltar a influência também sobre o consumo comercial das temperaturas mais elevadas em 2005, ao mesmo tempo em que 2004 foi bastante chuvoso, proporcionando temperaturas mais amenas.

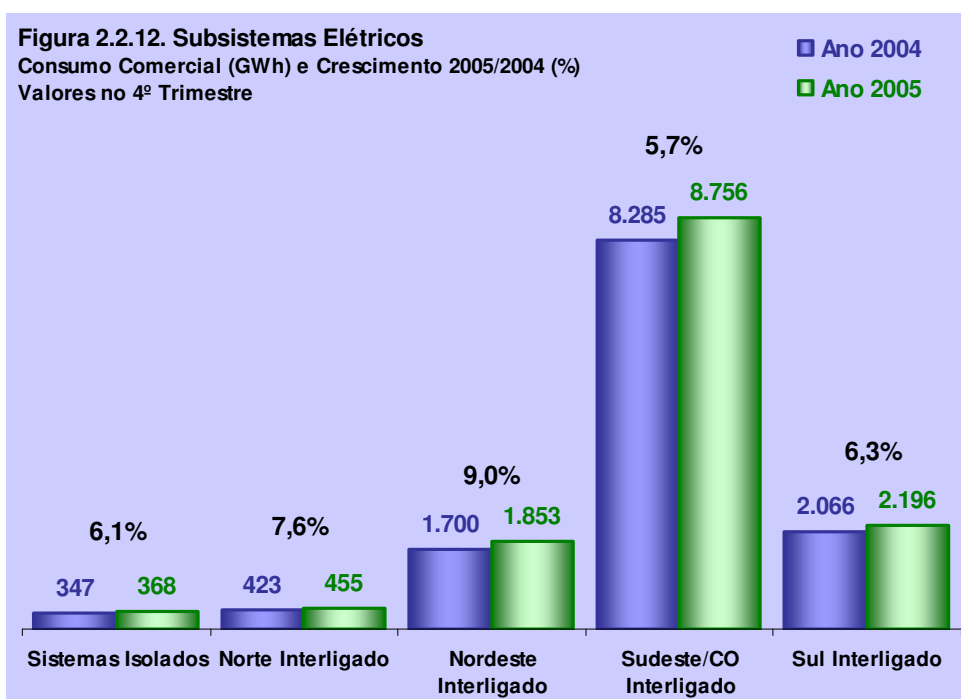


Através da Figura 2.2.11 a seguir pode-se observar que o consumo comercial manteve crescimentos consistentes ao longo de todo o ano.



Entre os subsistemas elétricos, mais uma vez o Nordeste Interligado manteve-se na liderança do crescimento da classe comercial, assinalando a taxa de 9,0% no último trimestre de 2005. No ano, esse subsistema também registrou o maior crescimento (9,1%), devendo-se ressaltar que é nesta região aonde vem mais crescendo o turismo nacional.

O Nordeste Interligado liderou o crescimento do segmento no ano (9,1%), enquanto os demais subsistemas elétricos apresentaram taxas entre 6 e 7%.

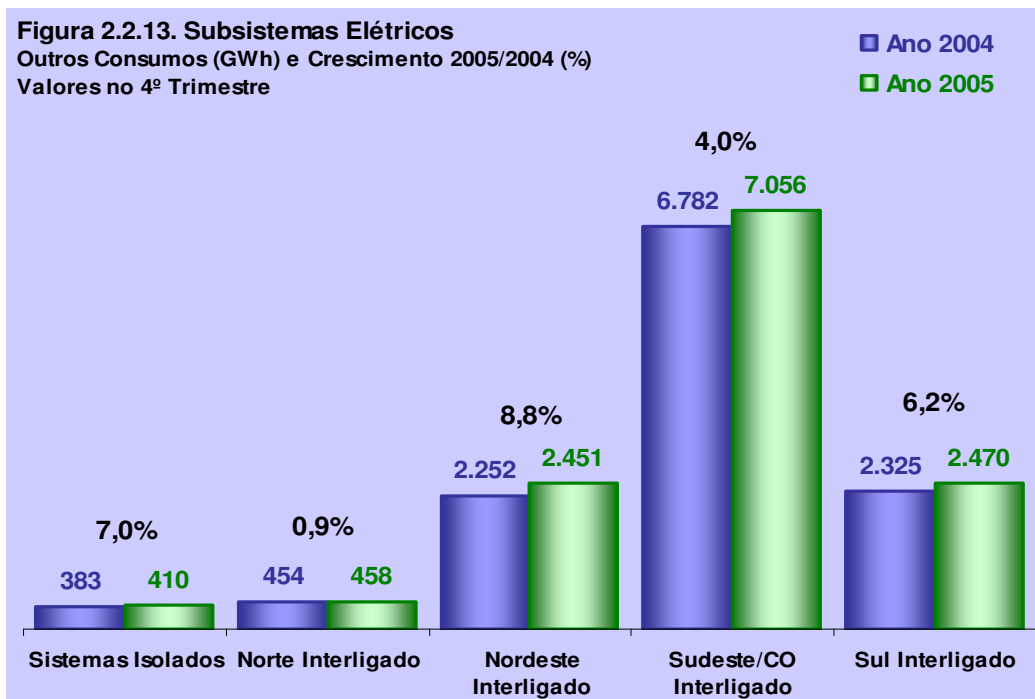
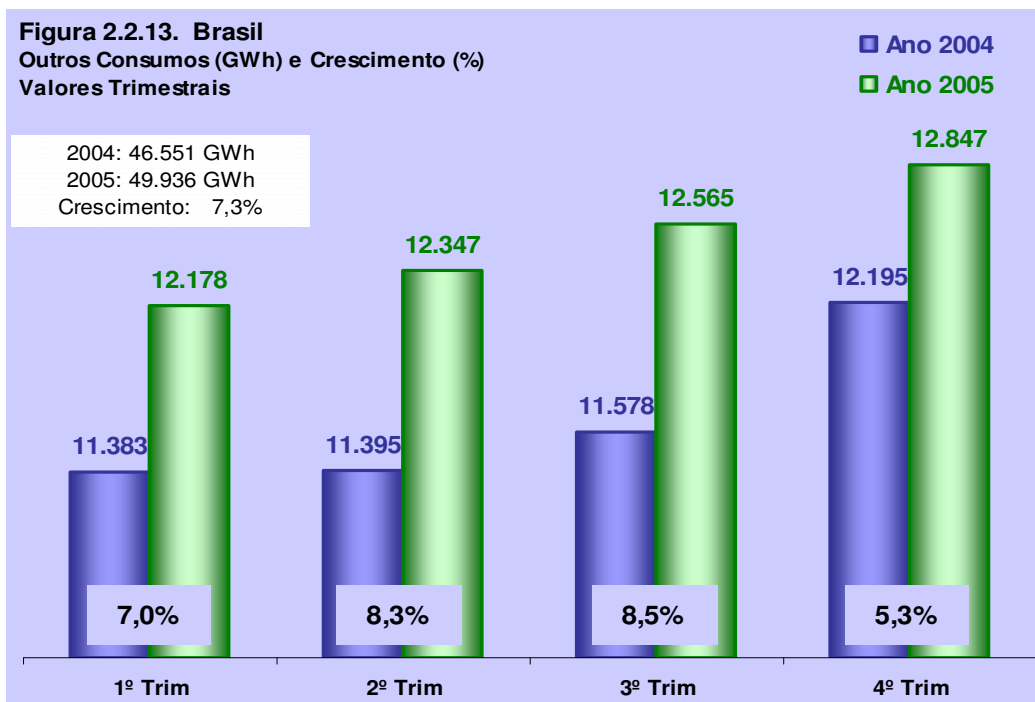


O segmento outros consumos – que agrega o consumo público (iluminação, poderes e serviços) e o consumo próprio dos agentes -, apresentou um consumo de 49.936 GWh em 2005, indicando crescimento de 7,3% sobre 2004.

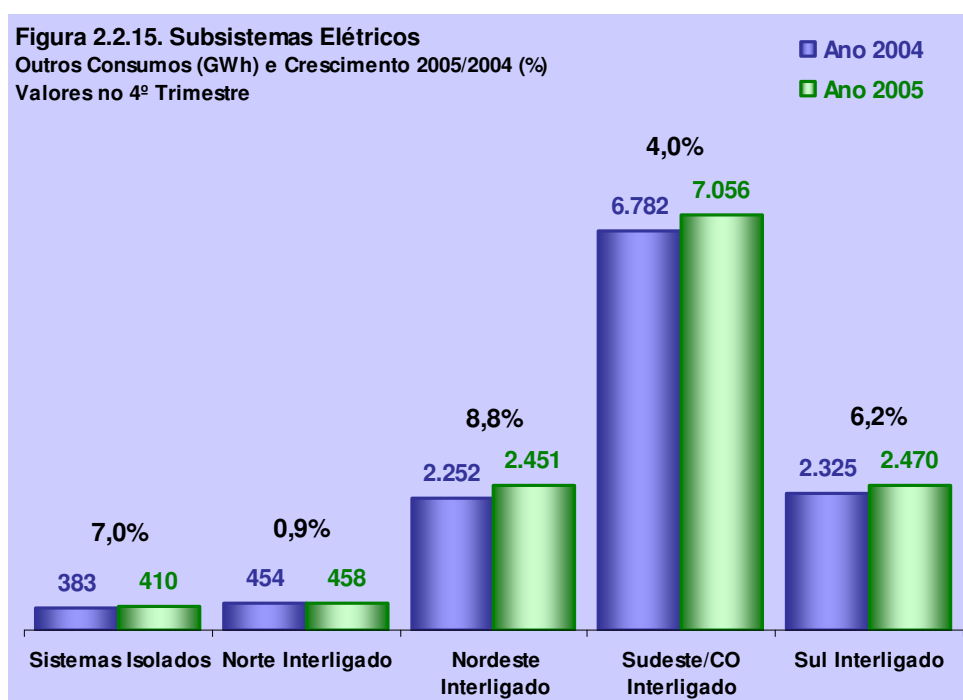
Este segmento manteve crescimentos expressivos ao longo do ano. No último trimestre, o consumo totalizou 12.847 GWh, o maior valor em termos trimestrais, representando aumento de 5,3% sobre o mesmo período de 2004 e de 5,3% ante o trimestre imediatamente anterior (Figura 2.2 13).

Os resultados deste segmento são bastante influenciados pelo comportamento da classe rural que, por sua vez, está atrelado às condições climáticas. Especialmente na Região Sul no Centro-Oeste brasileiro e em alguns estados do Nordeste, o consumo em irrigação é relevante. Assim é que em ano chuvoso, como foi o ano 2004, o consumo rural costuma ser mais baixo e, ao contrário, em ano de seca, como foi o caso de 2005, o consumo eleva-se significativamente justamente devido à intensificação do uso de irrigantes.

O gráfico apresentado através da Figura 2.2.14 apresenta a evolução mensal do consumo rural no período 2003-2004. Pode-se observar que o consumo em 2004 esteve bem próximo de 2003, enquanto que o consumo em 2005 se situou em patamar bem mais elevado.

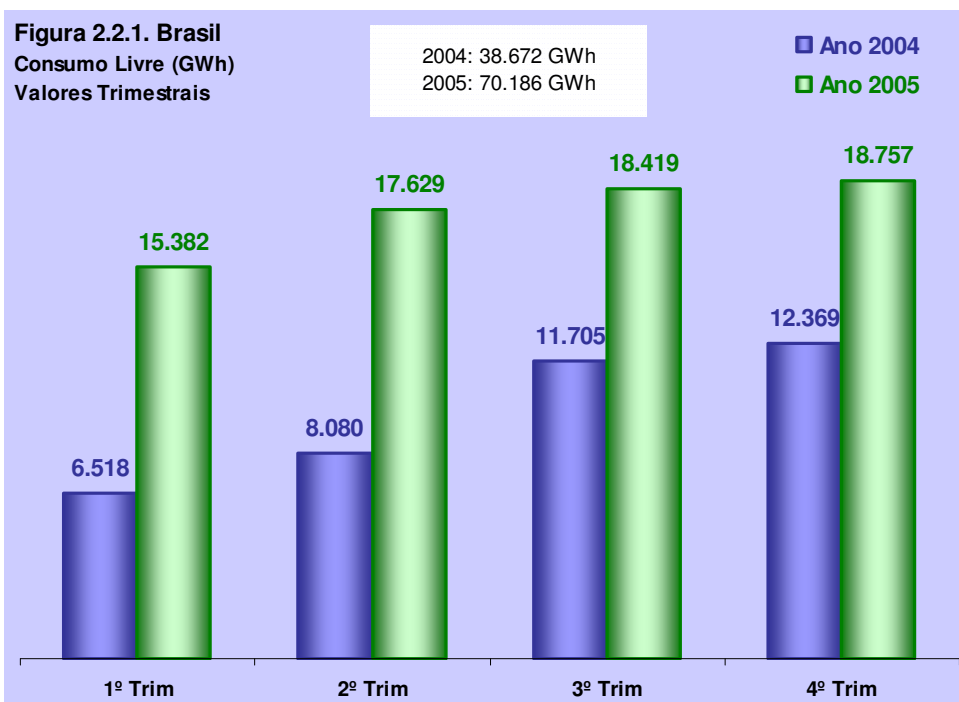


Finalmente, no gráfico abaixo, apresenta-se a o consumo rural no último trimestre de 2005 por subsistema elétrico. Especificamente neste período, o maior crescimento foi apresentado pelo Subsistema Nordeste (8,8%), que foi seguido pelos Sistemas Isolados (7,0%) e Subsistema Sul (6,2%). Deve-se observar, no caso dos Sistemas Isolados, a influência do Programa Luz para Todos, que tem resultado em elevado aumento da base de consumidores rurais e, conseqüentemente, do consumo da categoria.



O consumo de energia no ambiente de contratação livre totalizou, em 2005, o montante de 70.186 GWh, representando cerca de 20% do mercado de fornecimento. Deste montante, 69% foram consumidos no Subsistema Sudeste/CO Interligado.

A análise por trimestres mostra um crescimento contínuo do consumo livre em 2005, que passou de 15.382 GWh no primeiro trimestre para 18.757 GWh no quarto trimestre do ano, representando um aumento de 22% entre os dois períodos.



Já a autoprodução transportada acumulou, de janeiro a dezembro de ano, 9.197 GWh. Assim, o consumo total de energia - mercado de fornecimento (cativo + livre) + autoprodução transportada, excluída apenas a autoprodução clássica, somou no ano 2005 o montante de 344.608 GWh.

A Tabela 2.2.3 apresenta os totais apurados no 4º trimestre de 2004 e 2005 por região e subsistema elétrico, da energia consumida pelo mercado cativo e pelo mercado livre e da autoprodução transportada que, assim, compõem o mercado total de distribuição.

Tabela 2.2.3

Mercado Cativo, Mercado Livre e Autoprodução Transportada (GWh).

Resultados no 4º Trimestre

Subsistemas e Regiões	MERCADO CATIVO			MERCADO LIVRE			AUTOPRODUÇÃO TRANSPORTADA			TOTAL		
	2004	2005	Δ %	2004	2005	Δ %	2004	2005	Δ %	2004	2005	Δ %
BRASIL	70.243	66.625	-5,1	12.369	18.757	51,6	2.862	2.350	-17,9	85.474	87.733	2,6
Subsistemas												
Sistemas Isolados	1.808	1.895	4,8	0	0	-	0	0	-	1.808	1.895	4,8
SIN	68.435	64.730	-5,4	12.369	18.757	51,6	2.862	2.350	-17,9	83.667	85.838	2,6
Norte	2.501	2.605	4,2	3.248	3.380	4,0	0	0	-	5.749	5.984	4,1
Nordeste	11.219	11.273	0,5	604	1.062	75,6	21	0	-	11.844	12.334	4,1
SE/C.-Oeste	41.998	38.081	-9,3	7.492	12.799	70,8	2.627	2.279	-13,3	52.117	53.159	2,0
Sul	12.718	12.772	0,4	1.024	1.517	48,1	214	72	-66,6	13.957	14.360	2,9
Regiões												
Norte	3.469	3.567	2,8	1.716	1.789	4,3	0	0	-	5.184	5.356	3,3
Nordeste	11.977	12.122	1,2	2.137	2.653	24,1	21	0	-	14.135	14.774	4,5
Sudeste	37.378	33.400	-10,6	7.209	12.474	73,0	2.627	2.279	-13,3	47.215	48.152	2,0
Sul	12.718	12.772	0,4	1.024	1.517	48,1	214	72	-66,6	13.957	14.360	2,9
Centro-Oeste	4.700	4.765	1,4	283	325	14,9	0	0	-	4.983	5.090	2,1